



TOMO XXII

Nº. 10

Outubro de 1981

# BLUMENAU

em **CADERNOS**

## CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau  
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio  
Casa Flamingo Ltda.  
Casa de Móveis Rossmark S. A.  
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau  
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau  
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau  
Consulado Alemão - Blumenau  
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau  
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau  
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau  
Fritz Kuehnrich - Blumenau  
Imobiliária «D L» Ltda.  
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau  
João Felix Hauer - Curitiba  
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda.-Itoupava Seca - Blumenau  
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau  
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau  
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau  
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau  
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau  
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau  
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau  
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau  
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau  
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXII

Outubro de 1981

Nº 10

## SUMÁRIO

	Página
O CCLÉGIO SÃO PAULO, DE ASCURRA .....	290
OS ANOS QUE FIZERAM E AINDA FAZEM A HISTÓRIA DE IBIRAMA .....	302
VOCÊ SABIA?... ..	307
O PERIGO AMARELO .....	308
REVELAÇÕES DO ARQUIVO HISTÓRICO DE BLUMENAU....	308
HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU .....	309
SUBSÍDIOS HISTÓRICOS .....	316
ACONTECEU... Setembro de 1981 .....	317
NOSSOS CORAIS - ONTEM E HOJE (II).....	319

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 200,00

Número avulso Cr\$ 20,00 -- Atrasado Cr\$ 30,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 200,00 mais o porte Cr\$ 150,00 total Cr\$ 350,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

# O COLÉGIO SÃO PAULO, DE ASCURRA

José E. Finardi

Instado, acedemos prazerosamente ao apelo que nos fizeram diversos condiscípulos, todos ex-alunos do Colégio São Paulo, de Ascurra, para elaborarmos a história desse importante educandário, visto que fomos integrante da turma do primeiro ano letivo, no longínquo ano de 1925.

Inicialmente desejamos frizar que estabelecemos alguns critérios de trabalho. Dentre deles julgamos melhor seguir uma ordem cronológica, mostrando os inícios e o desenvolvimento progressivo em todos os sentidos, citando de tanto em tanto, o número de alunos como pontos de referência. Narraremos apenas os fatos ou circunstâncias que interessam à história "pública", omitindo os que apenas interessam á vida interna. Sobriedade em mencionar nomes, usando de maior largueza quando se trata dos primórdios, para tornar mais presente a história do passado. Do colégio, por seu caráter e razão de ser, não basta narrar a seqüência dos fatos; ele deve ser visto dentro de um contexto salesiano, de um estilo de formação, e apreciado na benéfica influência de sua já longa atuação.

## PRELIMINARES

I — A Congregação Salesiana foi fundada por São João Bosco, em Turim, Itália. É formada de sacerdotes e irmãos leigos chamados "coadjutores". Os Salesianos chegaram ao Brasil em 1883, e em Santa Catarina no dia 11 de dezembro de 1916. Atualmente possuem obras nas seguintes cidades do Estado: Ascurra, Rio dos Cedros, Rio do Sul, Massaranduba, 2 em Itajaí, Joinville. Sua missão principal é a educação cristã da juventude e o trabalho em favor da classe popular. O Fundador recomendou também a assistência aos emigrantes para conservá-los fiéis à Religião. Assim se compreende a presença deles em Santa Catarina, fundando a que se chamou no princípio de "Missão Salesiana de Santa Catarina", por causa do estilo missionário do trabalho e a organização canônica da administração.

II — A Congregação, hoje em quase todo o mundo, se divide, para o seu governo interno, em grupo de obras (escolas, paróquias, etc.) chamados Inspetorias (províncias) e seu preposto é chamado Inspetor (provincial). As casas de Santa Catarina perteciam á Inspetoria Maria Auxiliadora, com sede em São Paulo. Em 1958 criou-se a Inspetoria S. Pio X, com sede em Rio do Sul (S. C.) e depois em Porto Alegre.

III — Entre os Salesianos se dava o nome de "aspirantes" (hoje não mais) aos alunos que manifestavam desejo de entrar na Congregação, e de "aspirantado" ao instituto que os recebia.

IV — No princípio o colégio foi chamado de Instituto Salesiano, ou Colégio São Paulo. Mais tarde, por exigência de lei, Ginásio São Paulo, e finalmente (com o 2º grau) Colégio São Paulo.

V — Outrora, o ensino se dividia em primário e secundário ou ginásial. Hoje se divide em ensino de 1º e 2º grau, este profissionalizante.

VI — A finalidade precípua do internato foi sempre a de preparar aspirantes. Os estudos constituíam um estágio inicial, devendo ser continuados alhures. Tratando-se de curso secundário os estudos eram continuados em Lavrinhas (S. P.), ou, posteriormente, também em Lorena (S.P.).

## HISTÓRICO

### I — Os Salesianos em Santa Catarina.

Na delicada situação criada em Santa Catarina, na primeira guerra mundial (1914-1918), o governo italiano interessou-se junto às altas autoridades da Igreja e da Congregação para obter que os Salesianos assumissem a assistência religiosa dos imigrantes italianos no Estado. Aqui cabe prestar merecida homenagem ao Inspetor Padre Pedro Rota, de São Paulo, homem bom, culto e fidalgo, que compreendeu a situação e deu atendimento. A princípio vieram seis salesianos: três para Luís Alves (cuja paróquia mais tarde cederam e se instalaram em Massaranduba), onde chegaram no dia 11 de dezembro de 1916, e três para Ascurra, onde chegaram no dia 12 de Dezembro. Eram: os padres Ângelo Alberti e João Baptista Rolando que, com



Pe. José Pastorino, que fôra para Luís Alves, formaram o trio mais importante dos primórdios. Com eles veio também o coadjutor Valentim Barbieri. Padre Ângelo Alberti foi nomeado superior da "Missão Salesiana" e Ascurra foi a sede. Em 1918 foi recebida também Rio dos Cedros, confiada ao Pe. José Pastorino. Depois vieram outros centros: Rio do Sul, Pres. Getúlio (Nova Breslau), Rio do Oeste. Não cabe aqui falar da grandeza e eficiência do trabalho desses pioneiros, do seu sacrifício por causa dos transportes, das estradas, das distâncias, da falta de conforto, e do novo tipo de trabalho, diferente para eles, mais familiarizados com escolas.

Mereceria ser mais cultuada a figura do Padre Ângelo Alberti, pelo amor e pelo acêrto com que fundou e consolidou a obra salesiana e pelo interesse com que procurou o progresso de Ascurra, sendo de valia para ele a amizade que o ligava ao Governador Dr. Hercílio Pedro

da Luz, desde os tempos em que dirigia o Colégio Salesiano de Niterói. Conhecida a sua atuação em favor de Ascurra: o Correio, o Telégrafo, o Distrito, a Coletoria, o Colégio, a vinda das Irmãs Salesianas que dirigiram com proveito a escola e depois se transferiram para Rio do Sul. Exigia que se ensinasse e se falasse a língua nacional nas escolas. Não está fora de propósito recordar aqui o peso que tiveram os Salesianos também na construção da atual Ponte "Irineu Bornhausen", na criação do Município, na passagem da SC-470 ao lado de Ascurra, quando deveria atravessar o rio alguns quilômetros abaixo, o asfaltamento da cidade, graças á "faixa escura", por apelo do Colégio prometida pelo Dr. Ivo Silveira, quando de sua campanha eleitoral em 1965.



Padre João Baptista Rolando

## II — As Primeiras Vocações

Padre Ângelo Alberti logo se apercebeu da fecunda messe de vocações que poderia recolher nas famílias honestas e trabalhadoras dos colonos. O primeiro aspirante, que foi direto para Lavrinhas, foi João Costa, em princípio de 1919. Logo o seguiram, após pequena permanência em Ascurra, José Stringari e João Balestieri, todos de Luís Alves. Estes dois foram assim os primeiros aspirantes do Instituto Salesiano, ainda em embrião... Todos chegaram ao sacerdócio, ordenando-se primeiro João Costa e José Stringari, hoje aquele Bispo Missionário de Porto Velho (Rondônia) desde 1946, e José Stringari ocupou postos de responsabilidade, notabilizando-se porém como grande cultor da língua portuguesa e autor de diversas obras notáveis.

A primeira vocação salesiana do Município, foi SILVIO MONDINI, de Guaricanas. Ele e o Pe. Virgínio Fistaról, foram os primeiros sacerdotes do município, ordenados em 29 de dezembro de 1935. Ascurra conta hoje com os seguintes padres salesianos: de Guaricanas, além dos citados, Ângelo Moser e Caetano Vendrami; de Ascurra, Terçilio Chiarelli, Juvenal Zonta, Antônio Possamai, Hilário Passero.

## III — A Construção do Colégio

O Padre Pedro Rota, diante das possibilidades que se abriam, ordenou a construção de um instituto para aspirantes. Assim nasceu a idéia do Colégio S. Paulo. O arquiteto salesiano, coadjutor Heitor



Lançamento da pedra fundamental em 25 de janeiro de 1922.

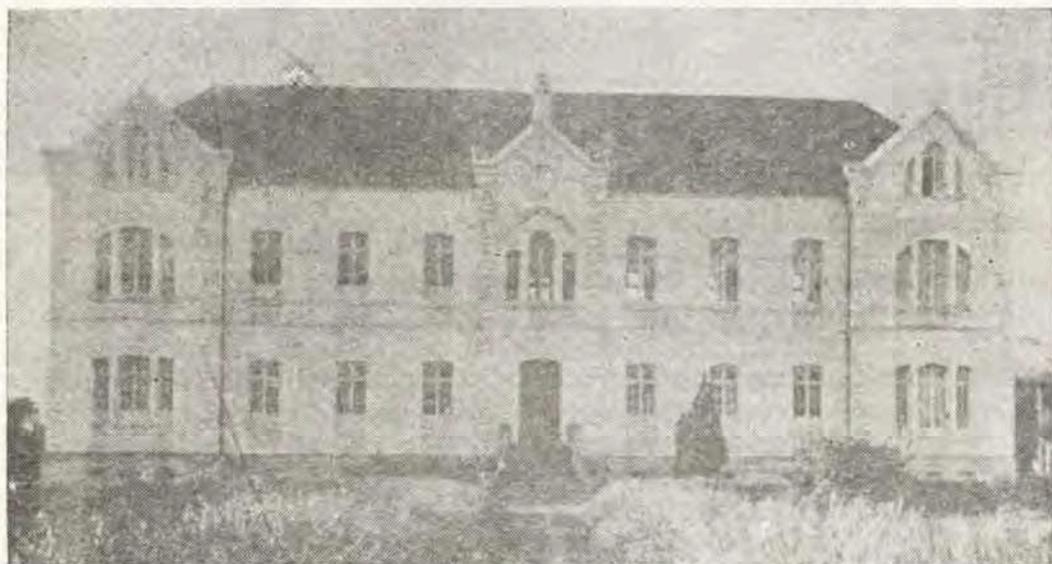
Schneider, fez o projeto. Trata-se do prédio central, de 40 metros de frente, com andar térreo, dois pisos e um sótão. A pedra fundamental foi benta e lançada em 25 de janeiro de 1922, dia da conversão do Apóstolo Paulo, venerado em Ascurra, e que deu o nome ao Instituto. Deu a benção o então Bispo de Florianópolis D. Joaquim Domingues de Oliveira, estando presentes ou representadas as autoridades municipais de Blumenau e do Distrito de Ascurra: Conselheiro Luís Isolani, intendente distrital, representando também o Superintendente de Blumenau, Paulo Zimmermann; Pedro Bonetti, agente postal e telegráfico, representando também o Presidente do Conselho, Dr. Victor Konder; Emilio Buzzi, Juiz de Paz; João Finardi, sub-delegado de polícia; José Bonetti, escrivão de paz e tabelião; e considerável massa popular.

A construção exigiu demorada escavação de 40x20 ms. por três de profundidade, e transporte de terra. A área do Instituto fôra adquirida com a compra de vários lotes urbanos, acrescida depois de dois lotes rurais adquiridos de Gregório Cechelero. Os colonos deram válida colaboração nas obras com seu trabalho braçal. A parte preliminar da construção tomou todo o ano de 1922.

Em 30 de abril de 1923, Pe. Alberti foi destinado novamente para a direção do Colégio Salesiano de Niterói e foi substituído pelo Pe. Leão Muzzarello, que tomou posse em 6 de maio. Este ativou as obras de modo que no dia 24 de maio de 1924, se fez a festa da cumieira. Os trabalhos prosseguiram, e já em 1925 se admitiram os primeiros alunos: Arthur Fronza, Tibúrcio Murara, José Zanotelli (hoje sacerdote), José Três (que morreu, sacerdote, afogado em Araxá em 1945, na tentativa heróica de salvar da morte um aluno que ia sendo tragado pelas águas), Maximiliano Bernardi e José E. Finardi, autor desta reportagem. Foram os primeiros professores: Padres João Baptista Rolando e André Frattino, coadjutor Rafael Carril, valente mestre de banda, Sr. Lirio Mondini, hoje digno coadjutor salesiano.

#### IV — O Colégio São Paulo

No dia 17 de março de 1926 teve realmente início a atividade do "Instituto Salesiano S. Paulo, de Ascurra". Tinham sido redigidos os Estatutos e matriculados 45 alunos, 38 internos, 4 semi-internos e 3 externos. O corpo docente, além dos citados professores, incluía, Pe. Osvaldo Vieira de Andrade, orientador dos estudos, Rodolpho Mayer, que conquistará depois merecida e ampla fama como artista, Miguel Deretti, que será o autor da história de Apiuna. O Instituto não começou porém com a finalidade principal, a semina-



Fachada do Colégio São Paulo, inaugurado em 1926.

rista, como fôra ideado. Eram matérias dos cursos: português, francês, alemão, italiano, religião, aritmética, geografia, História do Brasil, caligrafia, desenho, ginástica e música. Havia dois cursos: o "preliminar" de acordo com o programa oficial do Estado, e o "profissional" com a escola agrícola, fiscalizada pelo Estado. As seções eram três: estudantes, agricultores e aprendizes. Estes, além das disciplinas escolares, atendiam a trabalhos práticos por duas horas diárias. Havia ainda ensino comercial. "Oficialmente" a inauguração

foi feita no dia 24 de maio de 1926, porque é o dia da festa de Nossa Senhora Auxiliadora, Padroeira da Congregação de D. Bosco. Estava presente o Pe. José Vespignani, do Conselho Superior da Congregação, representando o Reitor Mor, o servo de Deus Pe. Felipe Rinaldi. O acontecimento constituiu uma grande festa para Ascurra, com justiça orgulhosa de seu colégio.

**PADRE JOÃO BAPTISTA ROLANDO (1931-1941)** — Um sacerdote benemérito em Santa Catarina. Tendo chegado em Ascurra em 1916, palmilhou missionariamente, por longos anos, o médio e o alto Vale. No Sul foi até os limites com Lages e Curitiba. De 1922 a 1931 foi vigário em Rio do Oeste. A primeira missa em Taió celebrou-a ele e foi na residência do sr. José Bértoli, e em Ribeirão da Vargem, na casa do sr. José Vicenzi. Era procurado ainda por seus conhecimentos de medicina. Em Ascurra, como diretor e como vigário, foi realizador na Paróquia (a torre, os sinos, o projeto e inícios da reforma da Matriz). Com astúcia contornou os apuros financeiros do colégio. Este, em 1931, foi reconduzido à sua primitiva finalidade de aspirantado para o internato. Em 1933, os internos eram 33 e os externos 20.

**PADRE LUÍS VENZON** — Assume a direção em 1941. Italiano como os predecessores, mas integrado plenamente no Brasil. Em 1931, o curso primário foi legalizado e reconhecido pelo governo estadual.

A essa altura já sopravam ventos mais favoráveis para Ascurra, porque estava à frente da Inspetoria o Pe. Orlando Chaves (hoje arcebispo de Cuiabá), o qual, empolgado com o programa de aumentar as vocações sacerdotais e reconhecendo em Santa Catarina uma fonte promissora, olhou com mais confiança o Instituto, que enviava anualmente bons contingentes de aspirantes para Lavrinhas. Desígnios da Providência fizeram chegar em Ascurra o Padre Simon Malcher, polonês, mas com permanência de vários anos nos Estados Unidos onde fizera boas amizades, e com isto teve facilidades de ajuda. Com tais recursos e com os da Inspetoria foi possível construir uma graciosa capela, sagrada em 14 de junho de 1943, pelo Bispo diocesano de Joinville D. Pio de Freitas. Em seguida construiu-se um pavilhão para refeitório e cozinha.

Lamentavelmente a situação de guerra em que se encontrava o Brasil, com posição contra o nazi-fascismo, criou vexames a veteranos e beneméritos colonos, de origem italiana ou alemã, preocupados unicamente com suas famílias e seus trabalhos. Mas nem o colégio escapou à fúria de elementos policiais que, exorbitando de sua missão, numa noite de 1941, invadiram o colégio, de maneira arbitrária e humilhante, à procura de... armas! E de propaganda inimiga!?! Nem a biblioteca escapou, com seus livros em italiano e em latim... Foi uma prepotência reprovável. Na realidade os elementos estrangeiros da comunidade salesiana sempre estiveram identificados com a nova pátria. Em janeiro de 1942, houve ordem superior de fechamento do colégio. Razão: diretor estrangeiro. Foi contornada a

situação assumindo a responsabilidade dos estudos, o vigário Pe. Aleixo Costa, brasileiro, natural de Luís Alves. Após trepidantes tratativas o colégio foi reaberto em março. Para se afastarem pretextos de novas arbitrariedades, antes mesmo do término de seu mandato, o Pe. Venzon foi substituído.

**PADRE AMÉRICO QUESTOR DE BARROS (1943-1946).** Brasileiro, mineiro. Tomou posse em 13 de julho de 1943. Homem decidido, enérgico. Aos poucos voltou a calma. Firme e prático, mantém alto nível de estudos e de disciplina. Em seu período se inaugura a capela e o pavilhão de refeitórios.

**PADRE SILVIO SATLER (1946-1953).** Catarinense, de Jaraquá do Sul, jovem, resoluto. É feito diretor e vigário para, com os dois cargos, ter maiores possibilidades de executar seus planos. Crescia a pressão para mais alunos. Impunha-se novas construções. Foi projetado o grande pavilhão central para aulas, estudos, dormitórios. Autor do projeto o arquiteto blumenauense Simão Gramlich, o mesmo da capela, do pavilhão dos refeitórios. Ajudaram a construção o Pe. Simon e a Inspetoria. Sobretudo valeu a fibra do diretor aliada à sua capacidade. Obteve ajuda das famílias, promoveu festas (quermesses, e, a que ficou tradicional, a piramidal fogueira de São João). Em 1949, no dia 22 de maio, com espetacular e bem rendosa festa popular, é inaugurado o grande pavilhão. Os internos chegam a 200. Em 1950, 210 internos e 25 externos.

**O CURSO GINASIAL** — Funcionavam no colégio o 3.º ano primário e o 4.º reforçado, e já com estudos preliminares de latim, para facilitar aos aspirantes o ingresso em Lavrinhas. Mas a expansão e a consolidação do colégio reclamavam aumento de cursos. Criou-se, assim, o curso ginasial, obtendo-se a fiscalização prévia em 1946, e em 1949 o Decreto de reconhecimento definitivo. Em 1946 funcionou a 1.ª série. Para a 4.ª série iriam os aspirantes para Lavrinhas ou Lorena. Em 1953 foi estabelecida também a 4.ª série.

**PADRE ALFREDO BORTOLINI (1953-1958)** — Em seu mandato continuou-se a construção do teatro, que foi inaugurado no dia 1.º de maio de 1955, na hora em que voava para melhor vida o Pe. Simon, o benemérito. Além de obter recursos do exterior, era homem incansável, resistente aos mais duros trabalhos braçais, e sabia atrair a colaboração de todos com o exemplo e com as maneiras alegres e francas. É um nome que merece ser perpetuado na história do Colégio S. Paulo. No ano de 1957, realizou-se a visita honrosa do 5.º sucessor de D. Bosco e Reitor dos Salesianos, o Pe. Renato Ziggitti. Recebeu festivas homenagens das Autoridades e de grande multidão de povo. Terminado o mandato, Pe. Bortolini é nomeado superior da recém-criada inspetoria S. Pio X, com sede em Rio do Sul.

**PADRE PEDRO PRADE (1959-1961)** — Em seu mandato foi resolvido o cruciante problema da água. Os poços eram insuficientes, Pe. Ângelo Moser, procurador da Inspetoria, obteve do Presiden-

te da Legião Brasileira de Assistência, Dr. Mário Pinotti, uma verba com que se compraram os canos. Os próprios aspirantes, orientados por um padre, cavaram três quilômetros de sulcos para os canos, captou-se água no Saltinho e, para garantia, se adquiriu a terra das nascentes. Foi um final feliz de anos de angústia. Em 1959 os alunos eram: 269 internos e 35 externos. Em 1961 Pe. Prade é substituído por Pe. Virgínio Fistarol.

**PADRE VIRGÍNIO FISTAROL (1961-1967)** — Ausente de Santa Catarina desde 1923, volta para dirigir o colégio, prestando ainda serviços em 1967. Em 1961 foi instituída a 5.<sup>a</sup> série "seminarística", com programa mixto de clássico e científico, para possibilitar aos egressos a continuação dos estudos em cursos oficializados. Em 1966 se acrescentou a 6.<sup>a</sup> série. Em 1964 os alunos eram: 275 internos e 41 externos. Em 1966, 278 internos e 59 externos. Nesse período foram aumentados os pátios de recreio, adquiriu-se novo instrumental de banda, foi construído mais um pavilhão para refeitórios, cozinha e oficinas. A frente do colégio foi contornada de um para-peito de granito e concreto. A antiga capela, insuficiente, foi derrubada em fins de 1965. Em seu lugar surgiu outra, maior e mais arejada, inaugurada nas festas cinquentenárias.

**PADRE WALDIR ANDREATTA (1967-1972)** — Em seu mandato é oficializado o ensino de 2.<sup>o</sup> grau, aberto também para os externos de ambos os sexos. Suspenso, porém, ad tempus, em 1974 com a transferência dos aspirantes desse nível para Ponta Grossa. Por outro lado, fundados muitos "ginásios" oficiais gratuitos no interior e nos Estados, deu-se compreensível diminuição de aspirantes. Também Ascurra recebeu seu ginásio. Apesar disto, um grupo de alunos externos continua a frequentar o S. Paulo, por causa das instalações e do corpo docente mais experimentado.

## **O Colégio Por Dentro**

**I — EDUCAÇÃO** — O estilo de educação praticado foi o do sistema Preventivo de D. Bosco, inspirado no trinômio: Razão — Religião — Amor. É feito de compreensão e fraterna convivência de alunos com superiores e mestres, participando estes ativamente nos esportes e nas mais variadas atividades daqueles, como amigos e irmãos maiores. Assim, se torna fácil a disciplina e amena a vida colegial. As práticas religiosas, sem serem exageradas, são participadas com interesse pelos alunos e animadas com muita música. O nível dos estudos se manteve invariavelmente sério e elevado. O corpo docente, composto de religiosos salesianos selecionados (a começar de 1955 tinham curso superior de faculdade). Os aspirantes "ascurrenses" transferidos alhures, classificavam-se bem. Sem falarmos de muitos sacerdotes que brilharam em cursos universitários do Brasil e do exterior, numerosos egressos sobressaem hoje no corpo docente de muitas faculdades.

Nunca se descurou a educação cívica, merecendo as datas nacionais condigna celebração, quer com o ato solene do hasteamento da bandeira, quer com promoções literárias e artísticas no teatro. O culto à Pátria, esteve nas preocupações dos Salesianos desde a primeira hora, graças sobretudo ao Pe. Ângelo Alberti, integrado na alma brasileira, com atividades de muitos anos no colégio Santa Rosa, de Niterói, onde fôra também diretor. Era incansável em exigir que se falasse o português. O estudo do latim, como era natural, foi sempre matéria obrigatória e estudada com especial carinho no currículo ginásial.

II — A MÚSICA. Na tradição pedagógica salesiana sempre teve papel insubstituível. “Casa sem música é corpo sem alma”, dizia D. Bosco. No colégio a banda foi fundada em 1925 e se manteve ao longo dos anos com carinho e esforço, alegrando festas religiosas



e sociais, formando o bom gosto dos alunos, convidada muitas vezes para abrilhantar festas em outros lugares. Ultimamente tem sua vez também um afinado conjunto musical. Muitos alunos fizeram estudos de piano e de harmônio, com que podem hoje ajudar em igrejas, escolas e festas.

O CANTO é vital nos colégios salesianos, para brilho das festas e animação do ambiente. O canto profano e o religioso. Nunca faltou o “grupo coral” para execuções mais sofisticadas a várias vozes. Muitas vezes atingiu alto grau de eficiência, executando programas dignos de louvor.

III — TEATRO. Tem também ele como a música papel relevante na formação artística. Sua finalidade não é só divertir, mas educar o bom gosto, exercitar a língua e na declamação. Por isto

não é reservado a um grupo fechado de alunos "atores", mas aos poucos todos são treinados. Mesmo antes do colégio já se promoviam representações para divertir o povo, com a improvisação de artistas locais. As representações alcançaram maior vulto, com a construção do atual salão de teatro. Os programas consistem em música instrumental, cantos, operetas de grande efeito, comédias, dramas, declamações, etc. O povo sempre teve acesso às representações, que muitas vezes eram repetidas em outras cidades.

IV — ESPORTE — Dáí ao aluno ampla liberdade de correr e de brincar, dizia D. Bosco. Não há escola salesiana sem os pátios de recreio para jogos, esporte, ginástica, com a participação ativa do salesiano. Hoje o colégio dispõe de vastas áreas para futebol, basquete, vôlei, tênis, bochas etc. acessíveis também aos jovens externos, que com perseverante trabalho dos próprios alunos, foram sendo aumentadas no correr de sua história.

V — MUSEU E BIBLIOTECA — O museu de história natural, com rica variedade sobretudo de animais empalhados, tem sido uma das grandes atrações do colégio. De grande utilidade a biblioteca, bem provida de obras para leitura, estudos e pesquisas, hoje instalada em amplo salão.

VI — EX-ALUNOS — Quem saiu do colégio S. Paulo, nunca mais o esquece, e por isso os antigos alunos passam com frequência para matar saudades, rever mestres. Eles se encontram por todo esse Brasil afora. De tanto em tanto se promovem reuniões festivas, não só para suavizar a nostalgia mas para renovar a consciência dos deveres que têm com a sociedade todo aquele que mais recebeu.

VII — ENSINO AGRÍCOLA — Como se lê nos Estatutos dos primeiros anos, ele constituía uma das finalidades do Instituto ministrado com regularidade de programas. Com a volta do Instituto às finalidades de aspirantado a escola, como tal, cessou. Entretanto, sendo os alunos na quase totalidade filhos de colonos e possuindo o colégio grande área rural, era natural que houvesse trabalho agrícola. Eram destinadas certas horas por dia ou por semana às atividades agrícolas e pecuárias. Práticas úteis para os alunos que, afeitos à rotina, viam a aplicação de melhores técnicas e a utilidade das máquinas. O cultivo era dos cereais da região. Puderam ver o progresso incessante na melhoria do rebanho bovino e suíno e na criação de galinhas, com adequadas instalações. Boas lições na horta, plantada de variadas hortaliças, com sementeiras selecionadas onde se abastecem ainda hoje de mudas também as famílias. Por longos anos a única assistência veterinária em Ascurra e arredores, foi prestada pelos "técnicos" do colégio que, amadurecidos por estudos e experiência, agiam com rara competência.

#### **Apreciação Final**

Impõe-se uma reflexão final sobre a extensão das beneméritos do Colégio São Paulo.

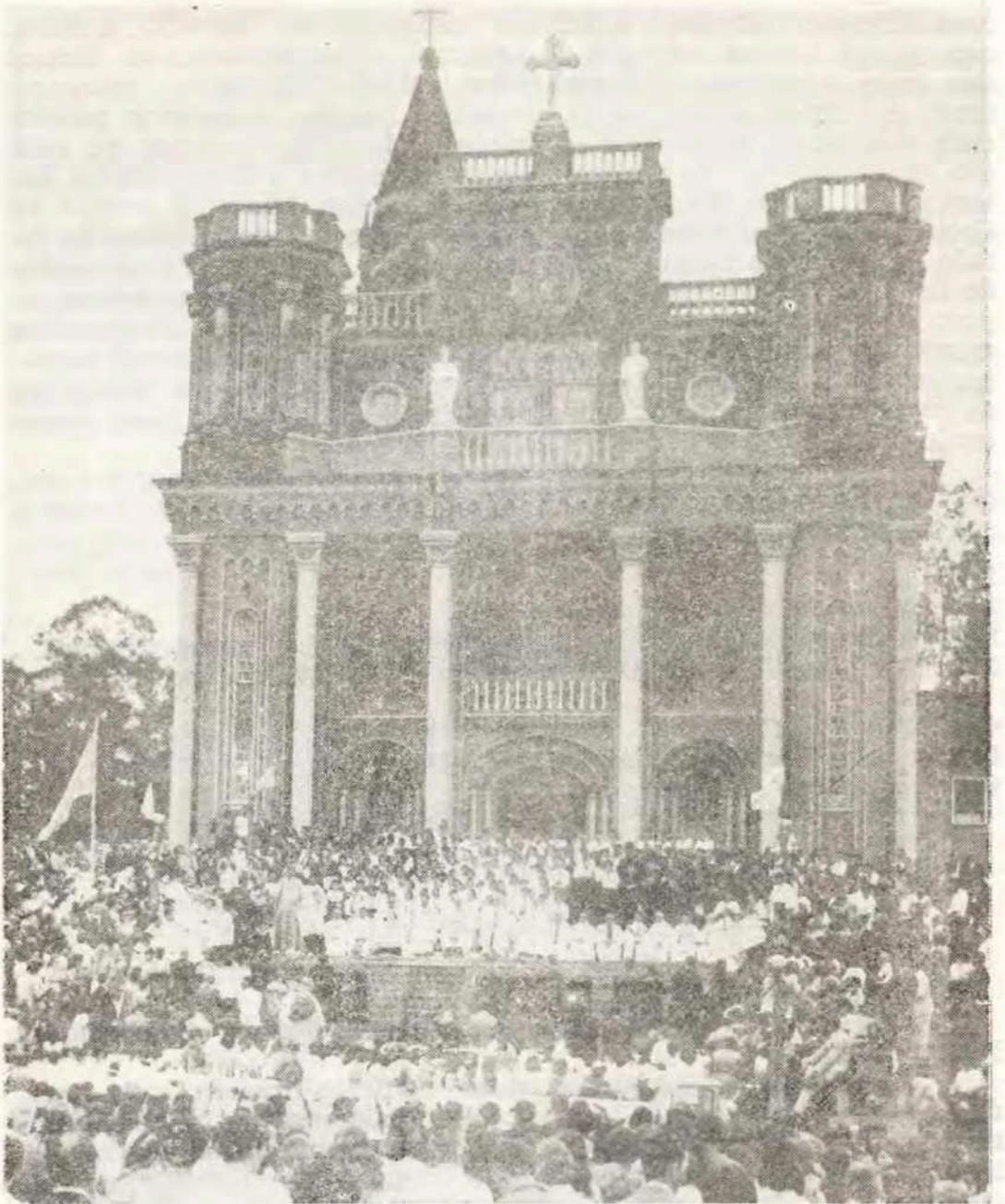
I — PARA ASCURRA — Projeta-lhe o nome no Estado, no Brasil e no estrangeiro. Seu rápido crescimento, o número de aspirantes, levaram longe sua fama. Recebeu visitas de ilustres personalidades eclesiásticas e leigas. Bastaria lembrar as festas dos 50 anos. Além disto o externato, sempre aberto a alunos não aspirantes, ajudou a muitos rapazes de Ascurra e vizinhanças a melhorarem sua instrução.

II — PARA A IGREJA E A CONGREGAÇÃO SALESIANA — Do colégio há ex-alunos no clero diocesano. E há a imensa legião dos que militam nas fileiras de D. Bosco, nos mais variados graus de comandos e atividades: a quase totalidade dos padres e coadjutores das 17 casas salesianas da Inspeção S. Pio X, e grande parte dos que trabalham na Inspeção Maria Auxiliadora.

III — PARA AS FAMÍLIAS — O colégio abriu suas portas para uma esperançosa turma de filhos de colonos modestos, cheios de filhos, que não teriam alhures possibilidades de estudar, pela escassez de recursos familiares. A onerosa manutenção foi possível com recursos dados pela Congregação, retirados das economias de colégios em melhor condição econômica; com a aplicação das rendas do ministério dos sacerdotes; com a ajuda em gêneros de muitas famílias de colonos, que era também o meio com que os pais pagavam um pouco das contas dos alunos; com a produção agro-pecuária do próprio colégio; com rendas de promoções (quermesses e a tradicional fogueira de S. João...), realizadas com não pequeno sacrifício; com a colaboração de autoridades, de modo especial dos dignos representantes do Estado no Congresso Nacional, que, cada ano, destinam parte de sua quota pessoal de subvenções para o colégio. Trata-se, assim, de extraordinário serviço humanitário dos Salesianos, que precisa ser consignado na história.

IV — PARA A SOCIEDADE — Pela largueza com que se aceitavam os alunos, é natural que a percentagem de perseverança não tenha sido tão grande. Alguns, convencidos de não terem vocação, ou não suportando o esforço dos estudos, se retiravam cedo. Outros, com o curso mais adiantado. Mas todos levaram para suas famílias, para seus povoados, os benefícios da educação recebida. Muitos, com bases mais sólidas, ingressaram em cursos superiores. Há hoje ex-alunos exercendo atividades com eficiência em bancos, empresas, no serviço público, no magistério de todos os graus. O Estado de Santa Catarina, por longos anos carente de escolas de nível médio e superior, pelos alunos e pelos professores saídos do colégio, tem com ele uma dívida insolúvel.

V — AS FESTAS CINQUENTENÁRIAS — Revelaram a projeção nacional do colégio. Realizaram-se no dia 8 de outubro de 1967, devidamente preparadas. Eram os 50 anos da Obra Salesiana em Sta. Catarina. Obedeceram a esmerado programa. No dia 7, à noite, grande sessão de homenagem às Autoridades Eclesiásticas no Teatro. No



Flagrante focalizando a Missa Campal, em frente à Igreja Matriz

dia 8, domingo: Missa campal em frente à Matriz, presidida pelo Bispo Diocesano, D. Gregório Warmeling e concelebrada por sessenta entre Antístites e sacerdotes, assistida por incalculável massa popular de lugares os mais distantes. Banquete às autoridades e convidados; churrasco popular nas dependências do colégio; comemoração cinquentenária no teatro, tendo usado da palavra o Senador Antônio Carlos Konder Reis, e tendo pronunciado o discurso histórico, o Pe.

José Stringari, salesiano, o primeiro aspirante em Ascurra; à noite, espetacular queima de fogos de artifício. Compareceram às festas, sete entre Arcebispos e Bispos, Mons. Mário Tagliaferro, representando o Núncio Apostólico, D. Sebastião Baggio, superiores provinciais salesianos, numerosos sacerdotes, sobretudo ex-alunos do colégio, representações de muitos colégios, paróquias e Comunidades Religiosas. O Exmo. Sr. Presidente da República, Marechal Arthur da Costa e Silva, dignou-se estar presente na pessoa do Ministro de Estado da Educação e Cultura Dr. Tarso Dutra. E ainda: O Governador do Estado, Dr. Ivo Silveira com seu Secretariado, Representantes do povo no Congresso Nacional e na Assembléia Estadual, 16 Prefeitos municipais, autoridades judiciárias, e outras, civis e militares; representantes da imprensa falada, escrita e televisionada, que transmitiu as festividades. As autoridades municipais emprestaram total apoio, tendo à frente o prefeito e a Câmara Municipal.

Foi, sem dúvida, o dia máximo na história de Ascurra e motivo de justo orgulho para a cidade que tem no Colégio S. Paulo, a sua mais lídima expressão.

#### FONTES:

- 1) Arquivo do Autor
- 2) Jornal "A Cidade", de 1926, reportagem de J. Octaviano Ramos.
- 3) Discurso histórico do 50º aniversário do Colégio, por Pe. José Stringari
- 4) Arquivo do Colégio
- 5) "Boletim Salesiano" anos 1926 a 1931
- 6) "Colonização Italiana", do Autor.

---

## Os anos que fizeram e ainda fazem a história de IBIRAMA

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart.

1849. A 5 de maio era fundada a Sociedade Colonizadora Hamburguesa.

1850. A 1.º de janeiro, num contrato firmado pelo prazo de 5 anos com o Governo Imperial, tal Sociedade se propunha à fundação de uma colônia agrícola em terras pertencentes ao dote da Princesa Dona Francisca, consorte do Príncipe de Joinville, no vale do Itapocú.

1867. A 22 de abril, o contrato, renovado e alterado, determinava a obrigatoriedade daquela sociedade em fazer introduzir, no decurso anual de 5 anos, 400 famílias imigrantes, exigindo-se um mínimo de 80% de agricultores, cujo embarque, em portos europeus, deveria acontecer em navios de 1.ª classe, com despesas de transporte do porto até a colônia correndo por conta da Sociedade, inclusive alojamento por três meses até a instalação definitiva dos mesmos colonos.

1871. A 30 de dezembro o mesmo contrato era renovado, com alterações diversas, elevando de 400 para 1.000 o número exigido para a fixação anual (e obrigatória) dos colonos.

1890. A 30 de julho, começa realmente a história de IBIRAMA: nesta data a Sociedade Colonizadora Hamburguesa firmava com o Governo Provisório da República, seu 1.º contrato para a devida colonização. Os imigrantes provenientes da Europa deveriam ser estabelecidos em terras catarinenses de São Bento, Blumenau, Curitibanos, Lages e Campos Novos, respeitando-se os contratos antigos feitos para colonização no vale do Itapocú.

1895. A 20 de maio o Governo do Estado de Santa Catarina concede terras, através de contratos, à Sociedade Colonizadora. Tendo sido desfeita, o acordo foi transferido à Sociedade Colonizadora Hanseática. O mesmo determinava que num prazo de 20 anos deveriam ser introduzidos 6.000 mil imigrantes por ano, com o objetivo de incrementar novas colônias européias no Brasil.

A exemplo da Colônia Blumenau (1850), era uma tentativa que estava dando certo e o Governo resolvia investir na colonização concedendo, por venda, uma área de seiscentos mil hectares de terras disponíveis e destinando o VALE DO NORTE DO RIO ITAJAI para tal realização.

1897. A 30 de março, em Hamburgo, na Alemanha, era organizada a Sociedade Colonizadora Hanseática. Destinava-se a desenvolver a colonização sistemática de terras desocupadas na zona fértil dos vales dos rios Hercílio e Itapocú, em Santa Catarina.

A 8 de novembro do mesmo ano, o então diretor da Sociedade, senhor A. W. Sellin, chegava à barra do Ribeirão Taquaras, afluente do Rio Itajaí Norte, tendo achado o local apropriado para a instalação da futura colônia.

Inicialmente a colônia chamou-se HANSA, mais tarde: HANSA-HAMÔNIA, depois HAMÔNIA e finalmente IBIRAMA.

IBIRAMA é nome de origem indígena e quer dizer: "Ibi" — terra, e "Rama" — abundância, ou seja: terra da fartura, terra da abundância.

O diretor Sellin, o engenheiro Odebrecht, seis operários brasileiros e um alemão — o cozinheiro da comitiva, fizeram o percurso fluvial em canoas, tendo saído do lugar conhecido por Subida (hoje, município de Indaial). Subiram o Rio Itajaí, até sua confluência com o Rio Itajaí do Norte, em cujas proximidades pararam para pernoite e descanso. Prosseguiram viagem no dia seguinte, quando alcançaram a barra do Ribeirão Taquaras, onde assentaram a sede.

1898. Foi realizado o loteamento das terras marginais e construído um enorme galpão para receber os imigrantes chegados na Colônia.

1898/1899. Gottlieb Reif terminava de construir uma estrada de acesso à sede da Colônia, via Ribeirão Cocho e Ribeirão Taquaras.

1899. O engenheiro Odebrecht terminava a demarcação das

terras aonde se instalariam os imigrantes europeus. A derrubada das matas era trabalho árduo e a tarefa foi aos poucos sendo efetuada. O total das áreas demarcadas compreendiam 127.318,047 hectares, inclusive a área às margens do Ribeirão Cocho e, excluindo-se essa, uma área de 126.332,70 hectares.

As terras haviam sido concedidas pelo Governador do Estado, sr. Felipe Schmidt a 28 de fevereiro daquele ano.

O primeiro título de concessão de Hamônia foi uma área de 126.332,70 hectares. Seu custo foi de: 189:499\$050 (cento e oitenta e nove contos quatrocentos e noventa e nove mil e cincoenta réis).

1899. Julho: chegava o primeiro colono. Acompanhado da esposa, o senhor Willy Luderwald era bem-vindo.

Em fins do mesmo ano, ocorreria a primeira leva: Karl Engelhardt, Ludau Kitzenger e Ochmanne — com suas respectivas famílias, mais o imigrante (solteiro) Conrado Wagner.

A Colônia tomava vida e “as esperanças nutridas quanto à qualidade do terreno, não foram frustradas”: (...) rios suntuosos banham todos os vales, sendo ainda que a zona possui uma riqueza inesgotável em madeiras das melhores qualidades”, segundo o “Blumenauer Zeitung” noticiou na época (exemplar n.º 48, de 27 de novembro de 1897). Nessa edição, havia relato da viagem que Sellin realizara como preparativo para a colonização que se efetuariaria com o trabalho dos imigrantes em terras tão longínquas do Brasil.

1900. A 13 de março era assinado o segundo título de concessão: a área de 9.853.470 m<sup>2</sup>, às margens do Ribeirão Cocho.

1906. A 21 de abril, era inaugurada a estação telefônica, com a construção da linha desde Blumenau. A direção da Colônia Hansa doara os postes e providenciou um local adequado para instalar a sede da estação. O Governo do Estado arcou com as despesas.

1906. Junho. Nos dias 7 e 8 Hamônia recebe a primeira visita de um Governador de Estado, o senhor Pereira Oliveira. Música, festas, palmitos, flores e a presença de escolares enfeitaram o acontecimento, ornando as margens das estradas, as ruas e o interior da Colônia, que saudou o Governador efusivamente.

1912. A 13 de março o sr. Paulo Hering, Superintendente de Blumenau, criou o distrito de Paz de Hamônia (desmembrado do Distrito de Indaial e ambos pertencentes ao município de Blumenau), pela resolução n.º 60 que decretava no parágrafo 1.º do artigo 1.º:

“Suas confrontações são as da atual Colônia de Hansa, neste município, compreendendo os terrenos concedidos à Sociedade Colonizadora Hanseática, inclusive o Ribeirão do Cocho em ambas as suas margens até as nascentes do mesmo ribeirão e os lotes n.ºs 244 e 245 da margem esquerda do rio Itajaí-Açu, sítos na foz do mesmo ribeirão”.

1924. Em janeiro era rescindido o contrato de 1895 e reconhecido o direito de propriedade da Sociedade Colonizadora Hanseática sobre as terras pagas até 31 de dezembro de 1909.

1934. A 17 de fevereiro o decreto n.º 498, assinado pelo interventor federal Coronel Aristiliano Ramos, determinava a criação do município de Dalbergia, "cujo território, que é desmembrado do município de Blumenau, será constituído dos distritos de Hamônia, Gustav Richard e José Boiteux", com instalação a 11 de março de 1934.

1935. A 7 de maio, pelo decreto estadual n.º 1, o município passou a denominar-se HAMÔNIA, passando a sede para povoação do mesmo nome, que ficou elevada à categoria de vila.

1936. A 1.º de março ocorrem as primeiras eleições municipais, sendo eleito prefeito o senhor Frederico Schmidt, pela Ação Integralista Brasileira.

1938. A 31 de março a sede do município foi elevada à categoria de cidade, pelo decreto n.º 86.

1942. A 11 de março, o decreto-lei n.º 4166 determinava que a Sociedade deveria ser administrada pelo Governo Federal, devido ao rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha.

1943. A 31 de dezembro, pelo decreto-lei n.º 941, foi alterada a denominação de HAMÔNIA para IBIRAMA, em virtude de ser aquele um nome de origem estrangeira.

1958. O quadro administrativo e judiciário era o seguinte:

— Comarca, termo e município: Ibirama.

— Distritos componentes: Ibirama, José Boiteux e Dalbergia.

— Ibirama é sede de Comarca e termo, abrangendo ainda o município de Presidente Getúlio.

1967. A lei municipal n.º 517, de 16 de novembro, aprovou o escudo do município, destacando-se nele os elementos humanos: branco e indígena que povoam o município; e as figuras representativas de um pinheiro e de um palmito, que dominam áreas de cultura.

1968. A 22 de maio, o prefeito Carlos Pabst, pela lei n.º 547, instituiu a Bandeira do Município, com as cores verde, branca e vermelha. Na bandeira, aparece ainda o escudo do município.

1977. Novembro marcou os festejos do 80.º aniversário de Ibirama, município que tem nas madeiras, nas fábricas de brinquedos, na produção agrícola, a base de seu crescente desenvolvimento.

1980. Foi inaugurado o ginásio de esportes; constituído de canchas polivalentes, o ginásio tem-se constituído num centro de atividades esportivas com disputas frequentes.

1981. É efetuado o alargamento do trecho Dalbergia-José Boiteux, cujos melhoramentos possibilitarão um escoamento mais rápido, tanto da produção madeira como da agricultura local, que tem no fumo um dos grandes produtos.

Toda colonização do Vale do Rio Hercílio marcou um empreendimento dirigido e executado com rumo planejado. Iniciativa de uma companhia alemã, cujas atividades foram desenvolvidas com base no amor ao trabalho. Foram os colonos que tão bem souberam enfrentar as dificuldades encontradas em terras tão distantes da sua.

O IBGE, em 1981 divulgou o resultado dos dados levantados

para efeito de recenseamento e Ibirama tem, segundo as mesmas estatísticas, uma população de 23.547 habitantes.

O centro urbano e o meio rural hoje testemunham a colonização alemã na presença de uma criança loira de olhos azuis expressão maior da herança que o imigrante aqui chegado nos idos de 1899 nos legou.

---

#### Referências:

1. Revista "Blumenau em Cadernos" — n<sup>o</sup>s. 3 (março de 1968), 11 e 12 (nov./dez. 1967), 6 (junho 1980) e n<sup>o</sup> 8 (agosto 1980). Fundação Casa Dr. Blumenau — Blumenau.
2. Revista do Cincoentenário da Colonização de Ibirama — 1947.
3. Leis da Prefeitura Municipal de Ibirama — 1968.

---

#### CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA - VII

## O PERIGO AMARELO

S.C. Wable

Na década dos 20s, foi sagrado Bispo de Lages D. Daniel Hostin, que fora vigário de Blumenau. Para substituí-lo foi designado Frei Marcelo, conhecido e estimado padre pela população de Blumenau. Frei Marcelo era um tipo muito vivo, sempre parecia não ter tempo para nada e, por isso, a garotada tentou dar um apelido a ele de **Mosquito elétrico** que, entretanto, não vingou. Frei Marcelo teve o grande mérito pelo fato de ter inaugurado a era do automóvel no meio dos padres e das freiras. Foi o primeiro padre em Santa Catarina a adquirir um automóvel Ford (pé de bode) para o convento dos franciscanos, e dizia-se que era o primeiro automóvel a servir um convento, tanto dos padres, como das freiras e dirigido por um padre. Frei Marcelo foi o primeiro sacerdote a obter uma carteira de habilitação. Naquele tempo a rua 7 de Setembro ainda era denominada Rua Nova, pelo fato de sua recente construção. Esta rua servia de pista para o Frei Marcelo exercitar-se. Quando já passava da fase dos movimentos desastrosos, passou a frequentar os bairros e, nestes, sempre com muitas aves soltas, era comum sacrificar uma ave. Ficou tão conhecido pela pressa com que sempre se locomovia que, devido à cor amarela do seu carro, passavam a referir-se a ele jocosamente como "lá vai o perigo amarelo", quando se aproximava ou passava. Um certo dia, meu pai ao falar com o Frei Marcelo, com o qual se dava muito bem, fez referência ao "perigo amarelo". Ele, que sempre estava com respostas prontas, retrucou sorrindo candidamente: "É muito melhor eles se preocuparem comigo e com o meu "perigo amarelo" do que se perderem em pensamentos obscenos".

# Você Sabia?...

Frederico Kilian

... que em 1906, os presos da Cadeia Pública de Itajaí, sentindo-se seguidamente maltratados pela esposa do carcereiro, amotinaram-se e expulsaram da mesma cadeia tanto o carcereiro como a mulher e os filhos?

... que a 5 de setembro de 1909 apareceu o primeiro número do jornal "Der Urwaldsbote" inteiramente redigido em vernáculo, tendo como seu redator o professor G. Augusto Büchler?

... que este jornal, aparecendo semanalmente, ao lado do jornal "Der Urwaldsbote" publicado em idioma alemão, foi publicado com absoluta regularidade durante 5 anos, suspendendo sua publicação em 30 de agosto de 1914?

... que o primeiro médico e a primeira farmácia de Gaspar estabeleceram-se no vizinho município em 1910?

... que o médico chamava-se Dr. Krappe e o farmacêutico foi o senhor Saturnino Fernandes, vindo de Florianópolis?

... que Estevão Cunha, que foi político e Coletor Estadual em Tijucas, onde faleceu em 25 de outubro de 1906, era alemão de nascimento e chamava-se realmente Stefan Kuhn, mas que se afeiçoara de tal forma ao Brasil, aos seus usos e costumes, que resolveu abraçar o seu nome?

... que entre 1875 e 1879 haviam chegado a Blumenau e aqui se fixado nada menos de 1383 colonos tirolezes e 945 italianos?

\*

... que pelo começo de 1840 chegaram à região que hoje constitui o município de Brusque, três irmãos, vindos dos Estados Unidos da América, Roberto, Augusto e Leweson Leslie, a procura de minas, permanecendo durante alguns meses às margens de um córrego, onde acharam uma boa quantidade de ouro, retornando os dois primeiros aos Estados Unidos, ficando o terceiro que estabeleceu-se como abastado agricultor no lugar Ilhota, onde era conhecido com o nome de Lessa e faleceu no ano de 1909?

... que em março de 1910 foi fundada em Brusque a pequena Orquestra de Câmara, sob a direção de Primo Diegoli fazendo parte da orquestra ainda Willibald Stracke, Julio Laux, Gustavo Krieger, Luiz Luebke e Guilherme Diegoli?

... que Brusque, ao completar 50 anos, em agosto de 1910, tinha aproximadamente 18.000 habitantes?

... que o rebocador "Jan", que por muitos anos, serviu ao transporte de cargas entre Blumenau e Itajaí, em janeiro de 1907 foi vendido, pela quantia de 10 contos de réis, (Rs. 10:000\$000) à Comissão de Melhoramentos da Barra e porto de Itajaí?

## Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau

(Compilado por Sueli M<sup>a</sup> Vanzuitta Petry)

Transcrição do livro nº. 1 do "REGISTRO DAS INFORMAÇÕES E DESPACHOS DE TERRAS" da Câmara Municipal de Porto Belo — 1838 a 1843

Registro da informação dada pela Câmara em uma Petição de Thomás Francisco Garcia morador em Camboriú em que pede a S. Excia., setecentas braças de terras de frente com trezentas de fundos pouco mais ou menos que fazem frente em terras do suplicante, e extrema pelo lado de leste também com terras do Suplicante, do qual obteve despacho de S. Excia. de 7 de Janeiro de 1842 para a Câmara informar.

Informação: Ilm<sup>o</sup>. Exm<sup>o</sup>. Sr. — Escritura do Despacho de V. Excia. de 7 de Janeiro do corrente ano proferido na Petição do Suplicante Thomás Francisco Garcia — esta Câmara tem a informar a V. Excia. que tendo procedido as deligências da lei houve oposição por Antônio Ignácio Pereira e outros por Petição e Documentos os quais acompanham a mesma petição; a visto do que V. Excia. mandará o que achar justo. Vila de Porto Belo 26 de julho de 1842. João da Cunha Bitancourt — Antônio Moreira da Silva — Antônio de Souza Medeiros — João Correia Rebelo — Suspeito — Bernardo Dias da Costa — é suspeito.

Registro da Informação dada pela Comarca em uma Petição de Carlos Mousseaux de nação francesa, morador na **Freguesia de Itajaí**, em que Exm<sup>o</sup> Sr. Presidente da Província uma data de terras de mil e duzentas braças na Topava no Rio Itajaí Grande do lado norte em terras devolutas da qual obteve despacho de S. Excia. de 25 de outubro de 1841, para esta Câmara informar.

Informação: Ilm<sup>o</sup>. e Exm<sup>o</sup>. Sr. em virtude do despacho de V. Excia. de 25 de 1841, proferido na Petição do Suplicante Carlos Mousseaux: esta Câmara mandando proceder as deligências da Lei, não houve oposição a pretensão do suplicante a vista do que esta Câmara acha estar nos termos de ser atendido, porém V. Excia. mandará o que achar justo.

Vila de Porto Belo, 26 de Julho de 1842 — João da Cunha Bitancourt — Bernardo Dias da Costa — Antônio Moreira da Silva — Antônio de Ousa Medeiros — João Correia Rebelo.

# HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

(Continuação do nº anterior)

## O MASSACRE DOS ÍNDIOS

### I

O Dr. Blumenau, nas suas advertências costumeiras, sempre recomendava aos colonos que não provocassem os índios, até que ele conseguisse os meios de como catequizá-los, através de missionários especializados no assunto, tanto católicos como protestantes.

— Nós, para os índios, dizia o Dr. Blumenau, somos os “invasores”, uma vez que se julgam os donos de todas as terras, como os seus primeiros habitantes, não admitindo, assim, qualquer tipo de civilização.

Os índios que habitavam as cercanias da Colônia, não eram aguerridos como os Comanches norte-americanos, mas, quando provocados, eram traiçoeiros e perigosos, atacando sempre de surpresa e à luz do dia, de preferência.

O Dr. Blumenau estava muito interessado em catequizá-los e já havia até falado com o governador da Província, neste sentido. Em troca, porém, como sempre, recebera apenas promessas protelatórias.

Entretanto, dois colonos recém-chegados, casados e com filhos menores, foram morar um pouco retirado do centro da Colônia, em casas que construíram, separadas poucas braças, uma da outra.

Não deram maior importância às advertências do Dr. Blumenau quanto aos índios, pois entendiam que índio é como animal, deve ser caçado à bala.

Numa de suas caçadas, os dois viram índios que os espreitavam e, sem perda de tempo, atiraram neles, e os feriram, fugindo em seguida para contar a sua bravata, na Colônia. E assim falaram:

— Vocês têm medo de índio? Nós ontem fomos caçar e vimos alguns deles. Os pusemos pra correr, apenas com um tiro certo em um deles.

Um colono mais experiente ouviu e avisou:

— Tomem cuidado, porque os índios, quando menos vocês esperarem, darão a vocês a resposta. Cuidem-se!

Depois de boas risadas, bravatearam:

— Estaremos esperando por eles. E desta vez, os mataremos para que lhes fique a lição.

Toda a Colônia ficou sabendo da ocorrência. O Dr. Blumenau, pessoalmente, foi avisá-los dos cuidados que deveriam tomar.

Eles, porém, não ligaram para a advertência, porque acreditavam serem os índios covardes, tal como os animais diante de uma arma de fogo.

Alguns dias depois do ocorrido, os índios voltaram para se vingar e à luz do dia e de surpresa, massacraram os dois colonos à machadinha, na frente de suas esposas e filhos apavorados.

Quando o Dr. Blumenau soube do massacre, correu à casa dos colonos. Chegando lá, encontrou as mulheres abraçadas aos corpos dos maridos trucidados. Ao se depararem com o Dr. Blumenau, com as vestes tintas de sangue, se voltaram contra ele, dizendo-lhe os maiores improperios, culpando-o de tudo que havia acontecido.

O Dr. Blumenau, sereno, ouviu tudo calado. Deixou que elas desabafassem. E, sem nada lhes dizer, se retirou. Quando porém, chegou em casa, comentou com Reinhold:

— Meu sobrinho, o que eu vi e ouvi há poucos instantes na casa daqueles dois colonos trucidados pelos índios, foi a coisa mais horrível que presenciei em toda a minha vida. Este ano de 1855 tem sido para a minha colônia um ano terrível.

— Mas, tio, os colonos provocaram os índios. E há mesmo quem diga que mataram um deles.

— Sei, meu sobrinho. Sei de tudo. E até lhes admoestara que tomassem cuidado. Todavia, foi tudo em vão. E o resultado aí está: os dois mortos da maneira mais estúpida e cruel. Vai lá, Reinhold, e dá toda assistência às viúvas.

— Mas tio, como é que eles foram mortos à machadinha, se índio não tem essa arma?

— Reinhold, não é uma machadinha de aço, igual aos nossos machados. Elas são feitas de pedra lascada e cortam como navalhas.

Em éras remotas, Reinhold, na chamada "Idade da Pedra", o homem usava a pedra lascada como arma. E os índios herdaram esse uso; colocam na fenda de um galho forte de árvore a pedra lascada, a amarram com cipós, e fazem assim suas "machadinhas" de dois gumes, que tanto serve para o corte de arbustos, etc., como também de arma. Mas vai lá, Reinhold, socorrer as duas pobres viúvas desesperadas.

Enquanto Reinhold cumpria as ordens de seu tio, chegava, para conversar sobre a tragédia com o Dr. Blumenau, Fritz Mueller, que assim falou:

— Não basta, Blumenau, pedir aos colonos que não provoquem os índios, porque eles também provocam os colonos. O que precisamos fazer e urgentemente, é procurar catequizá-los, com gente especializada. E para esta obra, os mais capazes são os missionários católicos e protestantes.

Você, que é ligado ao Governo da Província e a pastores e padres, tem de providenciar esses missionários.

O Brasil, logo após o seu descobrimento, contou com três dos maiores catequistas de todos os tempos. Foram eles os jesuítas e missionários José da Anchieta e Manoel da Nóbrega, no Século XVII e Antônio Vieira, no Século XVII.

Sabemos que os nossos índios são das tribos Tupi-Guarani. Não são guerreiros e facilmente catequizáveis, desde que por gente que conheça suas vidas, costumes e línguas. E nada melhor para isto do que o padre. Aliás, para mim, é só para o que eles servem!

— Você, como sempre, Fritz, irreverente para com os padres!

— Bem, Blumenau. Vou até lá consolar as viúvas.

E assim, com esse massacre praticado por índios e a enchente do rio, terminou o ano de 1855, que o Dr. Blumenau considerou como o pior entre os piores, vivido pela sua Colônia.

---

## A LUTA CONTRA O GOVERNO DA PROVÍNCIA

Durante todo o seu tempo de colonizador, na Província de Santa Catarina, o Dr. Blumenau contou sempre com o apoio dos seus Presidentes, exceto do Dr. João José Coutinho, em 1850, que, apesar de ser um homem escrupuloso e cômico de seus deveres, tornou-se, por questões religiosas, o mais terrível inimigo, aliás, gratuito do Dr. Blumenau.

O Dr. Coutinho colocou o Tesouro da Província em ordem, executou numerosas obras públicas, tendo como a sua maior preocupação o bem estar da coletividade. Era um político astuto e muito hábil no trato das coisas públicas.

Desenvolveu a vida cultural da Província, criou a Biblioteca Pública no Desterro, a Escola de Aprendizes Marinheiros, o Liceu Provincial e o Colégio das Irmãs de Caridade.

Logo depois de ter assumido o governo, o Dr. Blumenau procurou ter uma audiência com esse novo governador, o que só depois de muito tempo logrou conseguir, graças aos bons préstimos de Hackradt, que tinha um amigo de influência junto ao governo.

— Dr. Blumenau, a sua audiência está marcada para hoje às 5 horas da tarde, disse-lhe Hackradt. Custou, mas saiu, Dr. Blumenau.

— Já estou sabendo que este novo presidente é um carola e não acredita na minha Colônia.

— Como é que soube disto, Dr. Blumenau?

— O meu velho amigo, Cel. Neves, me advertiu que a coisa para mim não seria nada fácil, no governo do Dr. Coutinho e que eu me acautelasse.

— Será, Dr. Blumenau, que depois de tudo que o Sr. tem passado, terá ainda de enfrentar um governo hostil às suas justas pretensões?

— É o que vamos ver, na cara, Hackradt. Uma coisa porém eu te digo de antemão, como também já disse ao Cel. Neves que bem me instruiu: Saberei enfrentar as provocações e desafios. Estarei calmo e sereno para melhor me defender contra futuras investidas. Que a Providência me ajude e que tudo dê certo meu bom amigo Hackradt.

E assim devidamente preparado, o Dr. Blumenau foi ao palácio, para a tão esperada audiência com o Dr. Coutinho.

Depois de aguardar pacificamente na grande sala de espera sem que ninguém lhe dirigisse a palavra durante mais de uma hora, ele foi finalmente encaminhado ao gabinete do presidente, por um jovem oficial, todo paramentado, no seu uniforme de gala.

O Dr. Coutinho nem sequer se levantou para cumprimentá-lo. Ocupado no seu expediente, apenas lhe deu boa noite e pediu para que se sentasse na cadeira bem à sua frente.

O Dr. Blumenau lembrou-se então dos bons tempos do Marechal Ferreira de Brito que, ao vê-lo entrar em seu gabinete, levantava-se e ia ao seu encontro, o cumprimentava afetuosamente, conduzindo-o até ao grande sofá, onde conversavam por muito tempo sobre a sua Colônia e o seu trabalho de colonizador, por tudo se interessando e indagando.

E agora, apenas o gelo e o silêncio desse homem frio e presunçoso.

— O seu nome é Dr. Blumenau, não é?

— Sim, Excelência, Hermann Bruno Otto Blumenau.

— É formado?

— Em filosofia

— fi...lo...so...fia?

— Sim, Excelência, filosofia.

— Então quer dizer que temos um filósofo-colonizador em nossa Província?

— Exatamente, Excelência!

— O senhor sabe, Dr. Blumenau, que se eu fosse colonizador — veja bem — é a minha opinião pessoal e não do presidente da Província, quais as raças que escolheria para colonizar?

— Não tenho a menor idéia, Excelência!

— A portuguesa. E somente imigrantes católicos!

— Ainda bem que é a sua opinião pessoal e não a do Presidente da Província, Excelência!

O Dr. Blumenau entregou-lhe os relatórios que tinha consigo e convidou-o para visitar a sua Colônia, afim de examinar "in loco" o que estava fazendo em matéria de colonização. E assim, sem qualquer resposta e sem agradecer o convite, foi encerrada a audiência.

## II

Daquela audiência, o Dr. Blumenau concluiu que o Dr. Coutinho tinha-lhe indiretamente ameaçado. Pois, na época, a maioria dos colonos que estavam em sua Colônia eram protestantes. E, para o Dr. Coutinho, eram eles considerados perniciosos e nocivos ao país, de vez que constituiriam o germe de futuras discórdias.

Ora, esta atitude do Presidente da Província, refletiria, fatalmente, nas autoridades subalternas que negariam apoio ao Dr. Blumenau, mesmo nos casos mais comuns, chegando ao ponto de poucos se importarem com as advertências do Juiz de Direito, desmoralizando-o perante o povo, que não mais cumpria as leis vigentes.

Face a este quadro de desprestígio do Dr. Blumenau, parte dos seus colonos se julgou no direito de desrespeitá-lo e mesmo lesá-lo em seus direitos.

Durante muito tempo, a situação ficava cada vez mais grave para o Dr. Blumenau, que gostava de disciplina e respeito. E parecia que tudo se desmoronava, transformando em caos a sua Colônia.

De todos os pedidos feitos pelo Dr. Blumenau ao Dr. Coutinho, apenas um foi atendido: a nomeação do Dr. Fritz Müller para o Liceu Provincial, como professor de Matemática e Ciências Naturais, em 1856. Tão logo foi criado o Liceu, o Dr. Blumenau achou que Fritz Müller pertencia à Ciência e não à sua Colônia, como um simples colono. Foi esta a única vez que o Dr. Blumenau conseguiu do Dr. Coutinho atendimento ao seu pedido.

Um ano depois, em março de 1857, o Dr. Coutinho, fazendo, sem qualquer aviso prévio, rápida visita à Colônia, deixou a impressão de um profundo desapontamento. Apesar dos muitos pedidos para que a visitasse com mais tempo para poder ver as várias atividades a que se dedicavam os seus colonos, não atendeu e se demorou apenas hora e meia, sem demonstrar o menor interesse pela Colônia.

Quando ele chegou, de surpresa, o Dr. Blumenau estava almoçando com alguns colonos e estava trajado como um simples colono. Disse ao Governador:

— Vossa Excelência me perdoa recebê-lo nestes trajes e nesta situação. Mas, não recebi nenhum aviso da visita de Vossa Excelência à minha Colônia. Se o tivesse, faria uma recepção à altura.

— Não se preocupe, Dr. Blumenau; continue o seu almoço, à vontade.

Virou as costas e com sua comitiva, se retirou da Colônia, sem conhecer coisa alguma.

Em seguida, foi para a Colônia Dona Francisca, onde se demorou dois dias.

O Dr. Blumenau, quando soube, ficou louco de raiva e começou então a contra-atacar a politicagem do Dr. Coutinho contra ele.

Estava caracterizado que o Governo Provincial do Dr. Coutinho era acintosamente contra a Colônia do Dr. Blumenau e se constituía no mais sério impecilho ao seu desenvolvimento. E isto colocava o Dr. Blumenau diante de um dilema deveras desalentador.

Da Alemanha, as notícias trazidas por Reinhold Gaertner eram ainda piores.

Uma luta surda surgia na Alemanha contra a emigração para o Brasil.

A Câmara dos Deputados da Dieta da Prússia ressaltava a objeção que a princípio se fazia contra a emigração para o Brasil. Eis os seus termos: — “Tome a Câmara dos Deputados a resolução de convidar o Real Ministério de Estado a não apenas manter na Prússia, rigorosamente, as disposições legais vigentes contra a emigração para o Brasil, mas obter o apoio também dos demais Estados alemães até que o Imperial Governo Brasileiro se veja induzido a pôr em prá-

tica, mediante convênio, as seguintes medidas em prol dos emigrantes alemães: 1) promulgar uma lei que declare válidos os casamentos celebrados segundo o rito protestante e entre pessoas de confissões diferentes, não mais os considerando concubinatos como até aqui; 2) estabelecer, de maneira justa, o direito sucessório para os emigrantes, seus filhos e parentes, e levar em consideração as reclamações dos cônsules, em casos de divergências; 3) criar uma lei que garanta aos protestantes o mesmo auxílio concedido aos católicos, para a construção de igrejas paroquiais e escolas”.

Sempre foram estes os pontos de vista do Dr. Blumenau, os quais expôs em seu primeiro requerimento à Câmara Provincial, em 1848.

Mas, quando o Dr. Coutinho soubesse das exigências do Governo Alemão, se voltaria com toda a sua fúria contra ele. E era contra isso que o Dr. Blumenau tinha que se prevenir urgentemente.

No entanto, os males causados pela má vontade do Dr. Coutinho levaram a Colônia quase à falência. A situação era desoladora.

As dificuldades econômicas aumentavam incessantemente. Deixavam de ser atendidos pedidos, relatórios e requerimentos do Dr. Blumenau.

O Dr. Blumenau, depois de muito pensar, resolveu embarcar para o Desterro, a fim de conversar com o Cel. Neves e se aconselhar com ele, que era bem mais experiente em política, para só depois tomar as suas providências, antes que a situação afundasse de vez.

Infelizmente, porém, o Cel. Neves tinha embarcado para a Corte. O Dr. Blumenau foi então a procura de Fritz Müller, que já se mudara para o Desterro, e lecionava no Liceu Provincial.

Fritz Müller dividia o seu tempo disponível entre as aulas no Liceu e as pesquisas no reino vegetal e o exame cuidadoso do mundo dos moluscos e crustáceos, de que as lindas praias e costões da Ilha de Santa Catarina eram riquíssimas.

E foi assim que, entre moluscos e crustáceos, o Dr. Blumenau chegou à presença de Fritz Müller que recebeu o seu velho amigo com um grande abraço e muita alegria.

— Fritz, não agüento mais as perseguições do Dr. Coutinho. Ele quer me arruinar, levando-me à falência e à loucura!

— O que é isso, Blumenau! Calma! Vamos conversar, raciocinar, discutir, para só depois ver o que teremos a fazer, meu amigo!

— Para mim o melhor é abandonar tudo e deixar o país que tanto quero. Ninguém, neste governo mesquinho, me compreende.

— É exatamente isso que eles querem! E tudo fazem para que você abandone tudo e fracasse. Mas isto você jamais o fará, Blumenau!

— Então, Fritz, o que fazer? Qual a solução?

— Você tem na Corte todos os seus trunfos. Deves combater a politicagem do Dr. Coutinho não aqui, onde ele dispõe de todas

às armas contra ti e, sim, lá no Rio de Janeiro, entre os teus amigos.

— Então devo ir logo para o Rio?

— Logo não, já, agora, neste momento, Blumenau!

Três dias depois, ouvindo os sábios conselhos do seu bom amigo, o Dr. Blumenau embarcava para a Corte.

### III

O Dr. Blumenau se deu conta de que todos os seus negócios eram feitos na Corte. Era pois, inútil estar perdendo tempo e se preocupando com as mesquinhas perseguições do Dr. Coutinho. Fritz Müller tinha toda razão.

O Governo Imperial concedeu ao Dr. Blumenau um empréstimo de 10 contos de réis, depois de muitas vezes protelado, em 1851. E em abril de 1855, outro empréstimo lhe fora concedido pelo Governo Imperial no valor de 85 contos de réis, a juros de 5%, em sete prestações, sendo a primeira de 25 contos pagável após um ano, e as demais, de 10 contos de réis, pagáveis nos anos sucessivos.

Em compensação, o Dr. Blumenau assumira o compromisso não só de atrair, no transcurso de 10 anos, 4.000 imigrantes, radican-do-os aqui e fornecendo-lhes nos primeiros meses gêneros de primeira necessidade e utensílios, como também abrir estradas para Itajaí, Lages e Curitiba, construir pontes, trazer para a Colônia um pastor evangélico e um médico, além de várias outras iniciativas.

Se o contrato em si já era desvantajoso e oneroso para o Dr. Blumenau, seria impossível cumpri-lo com a má vontade e a política-gem do Dr. Coutinho contra ele.

Além disso, a sanção de alguns dispositivos foi adiada até, no mínimo, 1856. O Dr. Blumenau teve porém de concordar com essas cláusulas, de vez que não via outra saída.

E assim diante deste quadro de responsabilidades maiores, aumentavam as suas dificuldades futuras, não obstante as presentes já serem insuportáveis, mas, à despeito de tudo, lançou-se, com maior ardor, às novas tarefas, mandando ainda em 1855, Reinhold Gaertner à Alemanha, a fim de angariar gente e tratou, além disso, de divulgar novos planos de propaganda na Alemanha.

Nos anos subseqüentes, o Dr. Blumenau, pensando melhor, com mais calma e depois de uma noite bem dormida, chegou à convicção de que a Colônia não podia ser mantida como empreendimento particular, por isso que o Dr. Coutinho o levaria à loucura, além do seu total prejuízo.

Ante necessidades cada vez maiores e seu capital exíguo demais, o auxílio do governo era incerto e o fardo das dívidas e dos juros era opressor, somadas às perseguições políticas da Província.

Diante disso, proporia, numa exposição clara e objetiva ao Marquês de Abrantes, a sua intenção de passar a sua Colônia para o Governo Imperial.

E, com esse propósito, desembarcou na Corte, onde se demorou mais de sete meses em negociações, até atingir o seu objetivo.

E isto após demoradas negociações que, como foi dito, se estenderam por mais de sete meses, contando sempre o Dr. Blumenau com a ajuda e o total apoio do Marquês de Abrantes. Finalmente em 10 de dezembro de 1859, o Governo Imperial baixou a respectiva ordenança e em 11 de janeiro de 1860, deu ao Governo Provincial de Santa Catarina, conhecimento do convênio firmado. Lamentou, porém, que não mais estivesse no Governo o Dr. Coutinho. Estava então à frente do Governo o Dr. Francisco Carlos de Araújo Brusque, que se tornou seu grande amigo, como fora o Marechal Ferreira de Brito.

(continua no próximo número)

---

## *Subsídios Históricos*

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excerto do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia) editado na Colônia Dona Francisca a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 25 de fevereiro de 1871

Colônia Blumenau. — (atrasado) Primeiro de janeiro de 1871. Feliz Ano Novo! É este o desejo de todos e é preciso que venham do coração, pois já há alguns anos esta Colônia sofre toda a sorte de aflições.

O ano findo nos trouxe uma enchente tão violenta como a do ano anterior. Também desta vez houve prejuízos incalculáveis nas plantações, nos pastos, nos caminhos nas pontes e nos açudes. Como se tudo isso não bastasse, a água nos trouxe uma infinidade de larvas de lagartas, as quais acabaram com o que restou da enchente e destruíram as novas plantações, obrigando os colonos a plantarem 4 a 5 vezes. E as plantações fora de época em geral não produzem tanto e o lucro, deixará de vir às mãos dos colonos por não renovarem as plantações até o início do ano, principalmente as de milho. As lagartas tosaram os pastos e o calor e a seca de novembro e dezembro queimaram até mesmo as raízes da grama, de modo que há grande falta de pasto para o gado, ocasionando a morte de muitos animais.

O cultivo dos vegetais próprios para exportação não tiveram muito impulso, com exceção da cana de açúcar e da mandioca, sobretudo o cultivo do tabaco ainda não alcançou o desenvolvimento desejado. Embora tenha sido plantado maior quantidade de tabaco do que em 1869, as intempéries, as enchentes e as lagartas destruíram completamente muitas plantações.

Parece que o fumo que restou, será de boa qualidade, pelo menos as folhas não estão roídas e servirão para coberta de charutos. O "Kulturverein" (Associação de Cultura) muito tem incentivado o cultivo do fumo, distribuindo folhetos e oferecendo explicações orais, mandando também importar boas qualidades de sementes. Es-

peramos que este ramo de nossa agricultura traga melhores resultados para a Colônia.

Muitos se queixam do baixo rendimento da cana de açúcar. Nosso Diretor, o Dr. Blumenau, no entanto importou várias novas espécies de cana, distribuindo-as entre os colonos. Resta saber quais as qualidades que mais se prestam para o cultivo nesta região.

Nos anos de 1868 e 69 a imigração teve grande acréscimo, porém, quase todos os imigrantes são operários de profissão e adaptaram-se mal ao novo ambiente, ainda mais que os serviços públicos foram muito reduzidos, por falta de verbas e muitos operários ainda hoje estão endividados em consequência da carestia e os salários já estão esgotados e ninguém consegue fabricar produtos para a exportação. Daí o descontentamento, que, às vezes, se manifesta em ocasiões e em lugares impróprios.

Também houve muitas picadas de serpentes venenosas no ano passado, sendo dois casos fatais, porque os antidotos chegaram tarde ou não foram empregados. Nos casos em que o remédio foi prontamente aplicado e conforme as prescrições, a cura foi rápida. Foram entregues antidotos com as respectivas bulas por parte da Direção a pessoas de responsabilidade, em vários distritos distantes do centro.

Em casa do colono Mette, no Itajaí de Cima caiu um raio, a família perdeu os sentidos, mas a casa não se incendiou e a família não sofreu prejuízos.

A coleção do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

---

## ACONTECEU... Setembro de 1981

DIA 1º — Instalou-se no Teatro Carlos Gomes, a Segunda Mostra Blumenauense do Teatro Infantil, promovida pelo Programa Clubinho e Escolinha de Artes da Prefeitura de Blumenau.

\*\*

DIA 1º — Na Galeria Municipal de Artes, foi aberta a Exposição "Valores Novos" e "Feira de Contos".

\*\*

DIA 2 — No Centro Social Urbano, do Bairro Garcia, o Conjunto Educacional Gov. Celso Ramos abriu a Terceira Feira de Ciências, cuja exposição encerrou-se dia 7, tendo sido muito visitada e aplaudida.

\*\*

DIA 3 — Às 18 horas, o prefeito Renato Vianna inaugurou oficialmente a Praça dos Poemas, localizada na Avenida Presidente Castelo Branco.

\*\*

DIA 4 — Às 19,30 horas, o prefeito Renato Vianna, na presença de numerosas pessoas, inaugurou, na confluência das ruas Amazonas, Glória e Progresso, o Largo "José Pera", homenageando aquele saudoso desportista blumenauense. Na praça está uma área urbanizada de 368 metros quadrados, para o que a Prefeitura investiu 260 mil cruzeiros. Grande público compareceu e aplaudiu a iniciativa.

\*\*

DIA 5 — Neste dia, a Escola Básica Estadual "Carlos Techentin" comemorou 25 anos de instalação. Grande festa popular foi realizada no local, situado na aprazível localidade suburbana de Passo Manso.

DIA 6 — Foi apresentado pelo Grupo Teatral Ribalta, no Teatro "R. Gerlach", a peça de Ivo Hadlich "Profissão de Palhaço".

\*\*

— DIA 6 — Transcorreu neste dia, o 19º (décimo nono) aniversário de fundação do Bela Vista Country Club, cujo acontecimento foi festejado com baile e um grande show no dia 28 de agosto. (Fica corrigida a nota do nr. anterior, quando, por um lapsó de revisão, foi informado que seriam dez anos de fundação)

\*\*

— DIA 10 — Realizou-se a tarde de autógrafos do livro da escritora Maria de Lourdes Ramos Krieger Locks, "Um Amigo Especial", que teve por local a Livraria e Distribuidora Catarinense, em Florianópolis.

\*\*

— DIA 11 — Foi assinado, no Rio de Janeiro, convênio entre a Fundação "Casa Dr. Blumenau" e o MEC, através do qual aquele Ministério subvenciona com trezentos mil cruzeiros, a microfilmagem de jornais do tempo colonial, em língua alemã, existentes no Arquivo Histórico da Fundação — "Blumenauer Zeitung" e "Der Urwaldsbote".

\*\*

— DIA 13 — Uma grande festa comemorativa da conclusão de importantes obras para a prática de esportes, foi realizada na Escola Básica Municipal "Quintino Bocaiúva", de Testo Salto.

\*\*

— DIA 13 — Neste dia, as Sras. da Associação Beneficente Evangélica promoveram um movimentado e atraente Bazar na sede do Centro Cultural 25 de Julho, com renda em benefício de obras assistenciais.

\*\*

— DIA 13 — No bairro Bela Vista, em Gaspar, foi realizada uma festividade comemorativa ao lançamento da pedra fundamental da Igreja de Nossa Senhora da Imaculada Conceição.

\*\*

— DIA 14 — Chegou a Blumenau a estudante alemã Christiane Rauert, da Universidade de Essen, que aqui permaneceu durante uma semana, fazendo pesquisas sobre os vários aspectos da colonização alemã na região. Ela pertenceu, no curso médio, à "Volkswang-Schule". É natural de Dortmund. Está fazendo um curso de extensão sobre diagramação gráfica.

\*\*

— DIA 18 — Foi aberto o Segundo Salão Universitário de Artes Plásticas, no Anfiteatro da FURB.

\*\*

— DIA 19 — No C. C. 25 de Julho, realizou-se a Noite de Teatro, a cargo do Grupo Teatral daquele clube.

\*\*

— DIA 21 — Ao transcurso do Dia da Árvore, o prefeito Renato Vianna, ao abrir a programação através do plantio de uma árvore na Escola Barão do Rio Branco, anunciou que estavam sendo distribuídas à população blumenauense 42 mil mudas de árvores nativas e exóticas, produzidas no Horto Municipal, pela Secretaria de Agricultura.

\*\*

— DIA 23 — No Teatro Carlos Gomes foi aberta a exposição de arte do autor Juarez Machado.

\*\*

— DIA 24 — Na Galeria Municipal de Artes foi efetuada a solenidade de abertura da exposição denominada "Imagens de Blumenau", com fotos históricas, da qual participaram, além da Fundação Casa Dr. Blumenau, com numerosas fotos, diversos cidadãos. A promoção foi da Fundação juntamente com o Departamento de Cultura da SEC, TV Coligadas.

\*\*

— DIA 25 — No Teatro Carlos Gomes, ocorreu o recital Pró-Música de Blumenau, apresentando o Duo Violino-Piano, com Sonia Goulart e Erich Lahninger.

— DIA 25 — Nos modernos stands do Clube Blumenauense de Caça e Tiro, realizou-se a solenidade de abertura das provas de tiro de diversas modalidades, denominadas de "Primeiro Grande Prêmio Cidade de Blumenau", com a participação de representações dos Estados do Sul.

\*\*

— DIA 27 — No C. C. 25 de Julho, realizou-se o 1º Festival de Corais Infantis e Infanto-Juvenis.

\*\*

— DIA 29 — A CELESC apresentou à Prefeitura o relatório das vias públicas beneficiadas com cobrança da Taxa de Iluminação Pública — TIP —, informando que foram instaladas 442 luminárias do padrão vapor mercúrio, com um custo de 4.577.239,48, durante os nove meses de 1981.

\*\*

— DIA 30 — Relatório apresentado pela Secretaria de Saúde e Bem Estar Social da prefeitura ao prefeito Renato Vianna, informa que mais de quatorze mil pessoas foram atendidas pelos setores de medicina e odontologia, no mês de setembro, além das creches. A medicina atendeu 12.895 pessoas, na área de assistência e orientação sanitária, com visitas domiciliares, etc.. Foram distribuídos 11.072 medicamentos. No setor de odontologia, foram atendidas 1.005 pessoas.

---

## Nossos corais - ontem e hoje (II)

Elly Herkenhoff

Como não podia deixar de acontecer, aos poucos foram se oficializando outros corais, como o "Fidélitas" por volta de 1875, regido por Louis Richter, contando com um "Mannerquartett" (Quarteto de Homens), famoso na época, conforme se deduz de notícias no "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), e o "Liederkranzchen" (Grinaldinha de Canções), regido por Julius Schubert, muito atuante nos últimos decênios do século, além do "Eintracht" (Concórdia), fundado na década de setenta e que mais tarde se uniu a outra agremiação vocal.

Mas é em novembro de 1887, trinta anos após o surgimento dos dois grandes conjuntos pioneiros, que um fato do maior alcance para a nossa vida cultural se repete: Mais uma vez abandonam inesperadamente o local de reunião da "Helvetia" vários sócios, desta vez os suíços Isaak Müller e Franz Müller e os alemães Johann Muller, Franz Kohlbach e Wilhelm Wunderlich. Os motivos têm suas raízes na inimizade então existente entre os cantores Isaak Müller e Konrad Fischer, este presidente da "Helvetia", e que vinha cedendo a sala de sua moradia, para os ensaios do coro e para as reuniões. Na mesma noite da ruptura final, a 6 de novembro de 1887, os "dissidentes" constituem uma nova sociedade de canto, sob o nome de "Concordia", nome este que em alemão é usado — geralmente sob a forma "Konkordia" — exclusivamente para associações, tendo o sentido exato do nome Concórdia em português.

O primeiro regente da nova sociedade foi Franz Müller, "um simples colono", segundo a expressão usada na crônica da "Concórdia", publicada em 1937, por ocasião do cinquentenário de fundação

“Um simples colono, que se distinguiu pelo extraordinário talento musical. Quando se fundou a Sociedade, não possuía ela quaisquer instrumentos musicais e nem tampouco o dinheiro para comprar todas essas coisas. O Sr. Müller, no entanto, meteu mãos à obra, substituindo os instrumentos inexistentes pela dedicação e pelo seu grande talento. Após cada dia de trabalho extenuante, aproveitava as horas da noite para copiar as músicas e as letras indispensáveis aos seus companheiros do coral...”

Assim, a Sociedade progredia a olhos vistos, tanto é que, segundo a ata da assembléia de 10 de maio de 1890, o número de sócios já era da ordem de 51. Mas — estava escrito que um incidente quebraria a concórdia existente entre os cantores da Concórdia”...

Ouçamos o que tem a nos dizer sobre o assunto o autor da já citada crônica, publicada em 1937:

“A assembléia que trouxe conseqüências do maior alcance para a Sociedade, foi a de 7 de fevereiro de 1891, na qual o Sr. Mathias Herkenhoff propôs a mudança da sede para o centro da cidade. Conclui-se daí que, até aquela data, o Sr. Johann Müller cedia parte de sua casa para a sede e local dos ensaios da “Concordia”.

“A votação da proposta do Sr. Herkenhoff resultou em empate, razão pela qual a maioria dos sócios participantes decidiu solucionar o impasse por sorteio e, convidada uma senhora presente a tirar a sorte, esta deu ganho de causa a proposição...”

E foi assim que teve início uma longa história, a história da disputa entre as duas facções da Sociedade, porque a partir daquele momento, a “Concordia” de fato se achava dividida em dois grupos: de um lado os que optaram pela mudança da sede — e neste grupo se incluía o Presidente Wilhelm Wunderlich. Do outro lado os que, morando no alto do “Mittelweg” (Caminho do Meio, hoje Rua Quinze de Novembro), onde até então se localizava a sede, se opunham a transferência. Ambos os grupos se consideravam legítimos representantes da Sociedade e deste modo com direito não apenas ao nome “Concordia”, mas também aos móveis e utensílios.

(continua)

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

**banespa**

Um dos colaboradores nas edições desta revista

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívio Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

20 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

BLUMENAU - SANTA CATARINA

